

INTER DUO LITIGANTES TERTIUS GAUDET



Em quanto os dois brigam, cae o Zé povinho... nas unhas do Fontes.

SUBSCRIÇÃO

O *Antonio Maria*, associa-se gostosamente á subscrição promovida por todos os jornaes do partido republicano afim de accudir á despesa das proximas eleições, concorrendo para essa subscrição com a importancia de réis 4\$500.



COMMEMORAÇÃO



Faz hoje cinco annos
Que a luz viu dodia
Antonio Maria
Terror dos sandeus!
E, por coincidencia
Bem rara, houve então
Tambem procissão
Do corpo de Deus!

De então até hoje,
Saindo ás semanas,
Mil pechas mundanas
Tem vindo a registro;
Que troça hemos feito
A quanto insensato,
E gato sapato
De quanto ministro!

Guiando o povinho
E ás tundas no paço
Em folhas de almaço
Já vae quanta resma!
Cá temos sem treguas
Zurzindo os sandeus
—Mas graças a Deus
'stá tudo na mesma!...

Trabalho perdido,
Que muito sentimos...
Mas não desistimos
Do nosso fadario!
— Vereis sem albarda
O povo, no dia
Que *Antonio Maria*
Fizer centenario!...



PAN.



A BRAGA E PORTO

A fôrma amabilissima por que fomos recebidos em Braga e no Porto e tratados pela imprensa d'aquellas cidades, curvam-nos voluntariamente o dorso n'um cumprimento de gratidão por tão sollicita afabilidade e sentimos até não ser um pouco mais Petropolis para corresponder condignamente aos altos favores recebidos.

A todos que nos obsequiaram, e foram muitos, d'aqui enviamos um cordeal aperto de mão significativo da nossa amizade certa e do nosso reconhecimento profundo.

Como recordação d'esse magnifico passeio conservamos aqui, alem d'uma suave impressão no animo, os numeros dos jornaes *O Constituinte*, *O Amigo do Povo*, *O Commercio do Minho* e *A Correspondencia do Norte*, que commemoraram as festas do centenario em publicações magnificas, primores litterarios e typographicos cuja posse será mais tarde disputada entre os colleccionadores d'este genero de trabalhos.

A *Memoria Historica do Real Sanctuario do Bom Jesus do Monte*, por Fernando Castiço, é um volume curioso, de subido valor historico, onde se referem circunstanciadamente as evoluções porque tem passado aquelle sanctuario, d'esde o seculo XV até o presente, e digno de ler-se e possuir-se como excellente trabalho que é.

A *Creche*, por Joaquim Ferreira Moutinho, com uma carta prefacio de Alves Mendes e um epilogo de Camillo Castello Branco é effectivamente, como o seu auctor lhe chama, *uma planta exotica*. Não no sentido que a modestia de Ferreira Moutinho pretende imprimir-lhe, mas em aquelle com que toda a gente a classificará ao aspirar-lhe os perfumes suavissimos. Esse livro tem por fim unico, diz o auctor no seu prologo, *pedir uma esmola para a Creche de S. Vicente de Paulo*, a primeira instituida em Portugal, e nós estamos certos de que não haverá bolsa que se não esgote voluntariamente, ante um pedido d'aquella ordem.

Conservamos egualmente um outro mimo inextimavel e que consiste n'uma esplendida rosa de setim em cujas folhas se acham escriptas a lettras elegantissimas e quas microscopicas algumas dedicatorias muito amaveis. É um trabalho d'uma delicadeza extrema e cujo processo difficilmente comprehenderemos, tão extraordinaria se nos afigura.



Foram muito commentados nos festejos de Braga uns formosos balões de papel de côres que representavam segundo ouvimos uma allusão maliciosa ao sr. arcebispo d'aquella diocese. Alguns balões ardiam a meio caminho do ceu, o que nos pareceu uma insidia de mau gosto por parte do sr. pyrotechnico...

A EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA
DE BELLAS ARTES

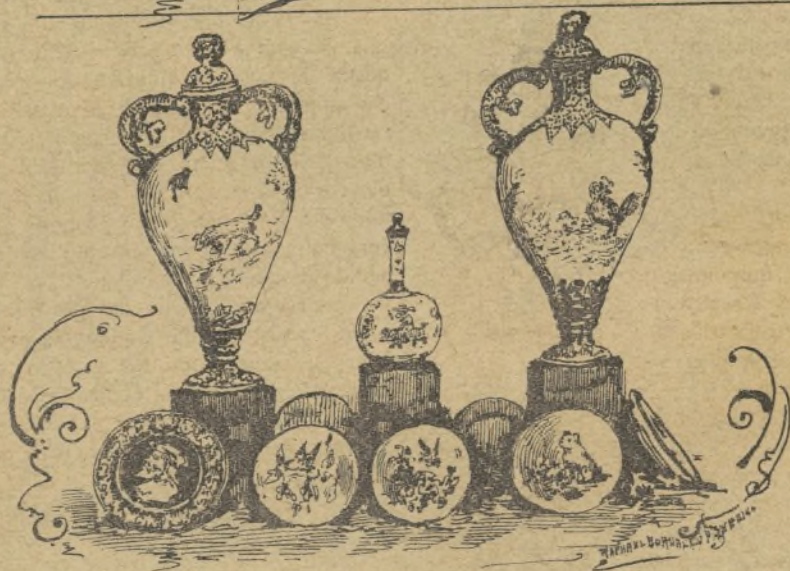
Devia chamar-se-lhe exposição de ceramica, por ser este o seu lado verdadeiramente notavel. Os pratos de D. Berta Ramalho, Silva Reis e Maria Augusta Bordallo Pinheiro são magnificos e muito superiores a uns outros tambem ali expostos e que foram fabricados em Paris.



A collecção de El-rei D. Fernando é esplendida; revela-se n'aquelles trabalhos a mão d'um artista de cunho a quem sobeja a originalidade individual que falta sempre aos amadores.

A' vista d'aquellas soberbas provas ninguem duvidará conferir ao sr. D. Fernando o titulo de primeiro artista ceramico do paiz.

As jarras expostas são uns admiraveis modelos de firmeza de côr e expressão de desenho e o prato das Caldas uma brilhante experiencia cujo tom azul do fundo se aproxima aos esmaltes de Limoges. Expandimos esta opinião com respeito aos trabalhos do sr. D. Fernando com o desassombro com que a manifestariamos se tratassemos de apreciar os productos analogos de qualquer obscuro João Fernandes.



A sua posição de rei não impede que lhe confirmamos os direitos de artista, uma vez que os merece, e se sua magestade não tivesse um throno dourado no palacio das Necessidades offereciamos-lhe de bom grado um banco de mestre, muito menos commodo mas muito mais glorioso nas officinas das Caldas da Rainha.

Fóra d'isto, e abstraíndo dois esculptores e tres ou quatro pintores de talento — em que incluimos o recusado — a exposição distingue-se apenas por trabalhos de senhora, como flores de sabugo, de arroz, de pão mastigado, de fio de côco e de papel pintado, bordados a escomilha e a *crochet*, tudo isto talvez muito bonito para guarnição das misulas e dos *fauteuils* de algum gabinete elegante,

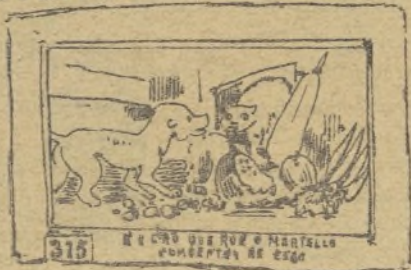
mas muito pouco proprio, a nosso vêr, para figurar n'uma exposição de bellas-artistas.

Sobre este ponto lembramos ao sr. Delguim Fedes que seria bom substituir as aulas de desenho por escolas de *crochet*, incluindo no professorado e no jury as manas Porliquitetes, como senhoras habeis que são n'aquelle genero de industria.

Quanto á exposição podia então fazer-se exclusivamente d'esses artefactos e talvez tambem de figuras de cera, o que ficaria mais d'accordo com o criterio e a competencia do jury a cujo bestunto de microcephalo andam sujeitos os quadros de merito que mereceram, entre outros, o applauso de Carolus Durand e o bom conceito da imprensa parisiense.

Publicamos em seguida o *croquis* de um dos quadros recusados, — analysado pelo jury a olhos fechados, bem entendido, tão sensata nos pareceu aquella resolução.

O quadro intitula-se: *Resultado de uma questão entre um gato e um cão!*



Damos tambem o desenho de uma cabeça, executada por um dos membros do jury e que foi approvada — de olhos abertos, está bem de ver...

Um rebufado a quem nos disser se é de criança ou de gato.



AINDA O CENTENARIO DO BOM JESUS DO MONTE



Tipos deromeiros e de forasteiros. Depois de tanta devoção estamos-nos sentindo padre prior.

Explendidas illuminações e mais brilhantes de que as illuminações a gaz, apesar de serem illuminações apenas para-meia estação; de inverno a chuva, rasga-se o papel; de verão, com o calor, derrete-se o papel.

Exposição de gado. Foram premiados todos os bellos exemplares de bois que os nossos fleis alliados saboreiam, mandando-nos de pois os ossos em bolões. Faltou ao concurso o terno boi de S. Marcos que está no Bom Jesus ao pé do dono; se tem apparecido to de comer a cama ao almoço.



Publicando o desenho do excellente termo exposto pela sr.^a duqueza de Palmella em Paris, trabalho soberbo que muito nos acredita aos olhos de estrangeiros, transcrevemos o que a respeito da magnífica escultura de s. ex.^a escreve a *Illustração*:

É um pensamento engenhoso ter escolhido para assumpto d'um termo a cabeça do celebre philosopho cynico; a idéa foi brilhantemente desenvolvida pela sr.^a duqueza de Palmella. Com um gesto expressivo, o descobridor de homens levanta acima dos olhos uma lampada antiga sufficientie para fazer lembrar a famosa lanterna; o dorso está enroupado com muita largueza nas prégas cahidas de um manto que determina a transição entre o busto e a base de contornos quadrangulares; a phisionomia é executada com muita originalidade e os movimentos dos braços vivos e simples. O olhar é proprio do homem que procura e não acha.

E' uma obra d'arte perfeita e que pelos seus meios de execução soube imprimir a um assumpto gasto um ar de novidade muito pessoal e muito distincto. O jury fez justiça a todas estas qualidades recompensando o trabalho da sr.^a duqueza de Palmella, o que prova que existem sempre em Lisboa tradições de arte sã e elevada.

CHRONICAS PORTUENSES

Para nós e para muita gente o melhor successo da quinzena foi a visita de Raphael a Braga e ao Porto.



(Muitissimo obrigadissimo).

Os judeus do Bom Jesus estavam desejosos por abraçar o seu immortal caricaturista e o S. Francisco de pedra da



egreja do Porto alimentava no seu seio de granito uma ternura sympathica, esperando figurar, ao menos uma vez, nas paginas faiscantes d'este semanario. A arte, só a sublime arte teria poder para harmonisar n'um mesmo desejo estes personagens tão necessarios á religião catholica. O S. Francisco tivera diversas conferencias com o judeu do



papo doirado; cartearam-se nas vespervas da chegada e ao mesmo tempo que o judeu embebia em creme a sua lança ennegrecida pelo vinagre da legenda, o bom do bloco sanctificado teve momentos de grande pandega, dansando, na callada da noite, diversos passos do minuette mais alegre do seu tempo.



Brilhantissima a festa de Cyriaco de Cardoso. Porque a festa foi executada por Nicolau Ribas, Alfredo Napo-

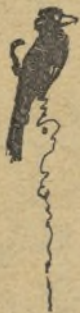


ção, Moreira de Sá, Marques Pinto, Brazão, Taborda, Valle, Augusto Rosa, Baptista Machado e Antonio Pedro. Se alguém com esta troupe fôr capaz de arranjar uma função que não seja um primor, dou-lhe um doce. Pois foi um primor a festa do Cyriaco. A musica parecia um livro de rendas; os monologos e as scenas comicas um bouquet de bellissimas phantasias poeticas e dramaticas. Augusto Rosa recitou de tal maneira *O Melro* que não havia solteirona pelos camarotes que não dissesse de si para si: *Que melro!* Com uma entonação de voz absolutamente differente, resmungavam os homens graves: *Que melro...*

Nos tribunaes está dando que fallar o processo das notas falsas. Vejamos apenas um incidente. O sr. consul affirmando que a machina sequestrada em casa do reu tinha a effigie do imperador, fez com que viesse para a sala da audiencia, sendo submettida a um exame. Na chapa em que o illustre Rebello via a vera effigie do seu soberano, os peritos viram tudo quanto a imaginação ou os defeitos do órgão visual lhes permittia. Um affirmou que a chapa tinha um traço cabalistico em fórma de T; outro opinava que era um nariz de cão; outro ainda que era um cabello do Soares de Meirelles da novidade de 1812. Estudado bem o caso, chegou-se á conclusão de que a chapa estava completamente lisa, lisa como a consciencia do padre Patricio, que é sacerdote de diversas religiões.

N'esta altura da minha chronica e guiado para as coisas do céu pelo illustre ex-deputado que acabo de citar, não posso escrever mais uma linha sem lhes dar uma noticia funebre. O antigo redactor d'estas chronicas foi victima d'um terrivel accidente. O bom do Brôa já estava velho, mas ainda forte; entendeu que podia ir a Braga gosar as festas do centenário e ter uma cavaqueira mystica com o fradinho do Carmo. Na sexta feira fez a trouxa e partiu. Partiu para não mais voltar. O caso fôra o seguinte. Os pingos do gaz da iluminação da rua Nova encheram-lhe de cebo o frak novo. Isto já excitou algum tanto a colera do nosso collega. Depois foi ceiar ao Franqueira com o João Penha e o Alfredo Campos. Mandou vir frigideiras; queria um menu local com vinho de Basto. No meio da ceia e da frigideira, o nosso amigo começou a dar mostras de envenenamento, o rosto vermelho-roxo, d'aquelle roxo inventado pelo conego Figueiredo, os olhos rebentando pelas orbitas, como de uma pescada cosida. Momentos depois — trás! trás! o homemsinho rebentou como um hereje em cima do fogo. No estomago, no acto da autopsia, foram-lhe encontrados diversos objectos indigestos, que os sabios registraram como fautores de tão terrivel acontecimento: um bocado de latim do arcebispo D. Antonio, um caroço de azeitona, a corda de uma lyra e um cigarro de Xabregas forte. Tudo isto estava dentro da maldita frigideira. Eu em memoria do defunto e para não sahir de vez da padaria tomo o seu lugar, subscrevendo-me

JOÃO TRIGO.



O MELRO

Eu fizera dois mil versos
Com sisudos commentarios,
Se houvera nos dictionarios
Trezentas rimas em *elro*;
Quizera em salas da moda
Ao piano recitado,
E nas tascas posto ao fado
O conto do negro melro!

Era o melro de que fallo
Cantor *di primo cartello*,
Trinando em tom vivo e bello
Volatas, graves, alegros;
Um dia, porém, nostalgico,
Resolveu bater a aza,
Indo occupar outra casa
Que ha lá p'ra o Poço dos Negros.

A dôr que o dono sentiu
Ao ver-lhe o ninho deserto,
Não é historia decerto
Que a minha musa aqui narre!
Gritava em altos berreiros:
— Quem seria o safardana
Que da gaiola de cana
Ousou roubar-me o Gayarre?!

E dizia aquelles versos
Que recita o Bulhão Pato
— Producção, diz o boato,
Dos tempos de meu avô —
E ante a gaiola clamava,
Vendo aberta a portinhola:
— «Apraz-me ver a gaiola
D'onde a avesinha... voou!...»

O commissario geral,
Que é franco como ninguém,
Dava-lhe um melro que tem
E que assobia o lundum!
Porém o dono do melro,
— Que grande affecto, ora vêde! —
Embirra os pés á parede,
Quer o seu melro, ou nenhum!

E junto á porta da loja
Do que o roubou — ha quem diga —
A garotada formiga
P'lo melro chamando em grita;
E o que ao melro fez mão-baixa,
Se a coisa prosegue assim,
Fica um *Roberto Pim-pim*,
Francisquinho ou *Costa Capita*.

E o outro, o dono do melro,
Contempla, morta a alegria,
Essa gaiola vasia
No peitoril da janella!
E diz: — Não mais quando rubro
Brilhar no sol no levante,
Não mais terei quem me cante
Aquella trova singella:

Maria Cachucha
Com quem dormes tu?
Eu durmo co'um gato
Que me arranha...

— E' crú!...

PAN.

O QUE SE DEVE VER NO PORTO (ALEM DO HOSPITAL DOS ALIENADOS)

